

ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

A PRESENÇA FEMININA NA SUBCULTURA *ZOOT*

Almeida, Deyse Pinto de; Doutoranda; Universidade Federal de Juiz de Fora,
deysepinto@hotmail.com¹

RESUMO

Nossa proposta neste estudo é apresentar uma das primeiras manifestações subculturais surgidas nos Estados Unidos, o movimento *zootie*, privilegiando a análise da participação feminina no mesmo a partir de suas particularidades e motivações. De forma geral, nos estudos sobre as culturas juvenis, os jovens são apresentados de maneira homogênea, sem levar em conta as distinções entre homens e mulheres. A figura feminina quando citada é de maneira subjacente, sem levar em conta as especificidades e motivações dessas personagens ao se ligarem a determinados movimentos juvenis. Ao retomarmos a trajetória *zootie* através da participação feminina pretendemos refletir como as relações entre gênero, raça, cultura e representação podem ser construídas no interior de uma subcultura juvenil. Este trabalho foi construído por meio de um levantamento bibliográfico, explorando os diferentes aspectos da subcultura e suas manifestações. O terno *zoot* é um dos primeiros exemplares da roupa servindo como forma de manifestação e protesto no século XX. Nascido nas comunidades negras estadunidenses no final dos anos 1930, as principais características do *zoot* são seus paletós gigantescos (às vezes com tamanho duas ou três vezes maior que o normal) que vinham até os joelhos com ombreiras e, comumente, coloridos e as calças engomadas na altura da cintura que se afunilavam nos tornozelos. Enormes correntes douradas que desciam abaixo dos casacos completavam o visual que contava ainda com sapatos em couro bicolores e chapéus que poderiam ter abas largas ou menores. Para o jovem afro-americano o *zoot* significava uma imposição de sua presença em uma sociedade que o ignorava, criando uma identificação própria que rompia com a ideia da submissão e passividade que caracterizavam boa parte

¹ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens, na linha de Pesquisa: Arte, Moda: História e Cultura da UFJF. Graduada em História pela UFJF. Possui também especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte pela UFJF.

ENCONTRO DOS GTS DO COLÓQUIO DE MODA

DE 16/10 A 02/12 DE 2020 - ONLINE

da população negra até então. Escrever sobre as experiências femininas no universo *zoot* não é uma tarefa fácil. A literatura disponível sobre o tema é essencialmente masculina e esse é um dos problemas mais enfrentados pelos pesquisadores de subculturas do início do século XX. Nesse sentido, as pesquisas de Rosa Linda Fregoso, Catherine Ramírez e Elizabeth Escobedo foram fundamentais para compreendermos o papel das mulheres no movimento *zoot*. A manifestação feminina no movimento *zoot* foi mais visível na costa leste estadunidense, especialmente em Los Angeles, quando o estilo passou a ser utilizado por jovens descendentes de imigrantes mexicanos. Vestidas da mesma forma que os meninos, com calças e paletós largos, essas garotas atraíam a atenção de todos por onde passavam. Outra forma de caracterização do estilo era através do uso de um paletó que ia até a altura dos joelhos e cobriam suas saias que podiam ser plissadas ou não. As meninas completavam seu visual com uma maquiagem pesada, marcada pela utilização de muito rímel e batom escuro. Seus cabelos eram penteados de forma a trazer muito volume, com um topete alto, no formato colmeia, que poderia ser adornado com flores. Brincos grandes e pesados e sapatos de salto completavam o visual. As garotas *zootie* ficaram marcadas na história pelo exagero. Com seus penteados exuberantes e suas maquiagens carregadas, elas se colocaram contra a uniformidade e descrição que se esperava da estadunidense ideal. Essas meninas trouxeram para o espaço público uma sensualidade e liberdade que não eram comuns na década de 1940. Os laços de solidariedade criados entre as garotas *zoot* foram fundamentais para que estas construíssem uma identidade própria, declarando que eram dignas de uma vida melhor.

Palavras-chave: juventude; gênero; subcultura.